O gato e o rato em sociedade

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Um gato fizera amizade com um rato e lhe falara tanto do grande amor e da amizade que sentia por ele que o rato acabou concordando em morar com o gato na mesma casa e cuidar dos afazeres em comum. “Mas precisamos nos prevenir para o inverno, senão passaremos fome”, disse o gato. “Você, ratinho, não pode se aventurar por toda parte e ainda acaba me caindo numa armadilha.” O bom conselho foi seguido, e compraram um potinho de gordura. Mas não sabiam onde guardá-lo. Por fim, depois de muito pensar, o gato disse: “Não conheço lugar onde fique mais bem guardado do que a igreja. Lá ninguém se atreve a tirar nada. Vamos pô-lo debaixo do altar e só mexeremos nele quando precisarmos.” Assim, o potinho foi posto em segurança. Mas não demorou muito para o gato sentir vontade de prová-lo, e ele disse ao rato: “O que eu ia lhe dizer, ratinho: minha prima me convidou para ser padrinho. Ela deu à luz um filhinho branco com manchas marrons, e eu devo segurá-lo no batismo. Deixe-me sair hoje e cuide da casa sozinho.” “Sim, sim”, respondeu o rato, “vá em nome de Deus. Se comer alguma coisa boa, lembre-se de mim: eu também gostaria de beber uma gotinha daquele doce vinho tinto servido às mulheres que acabam de dar à luz.” Mas era tudo mentira: o gato não tinha prima e não fora convidado para ser padrinho. Foi direto à igreja, esgueirou-se até o potinho de gordura, começou a lamber e lambeu toda a película de gordura da superfície. Depois deu um passeio pelos telhados da cidade, examinou os arredores, em seguida se estendeu ao sol e limpava os bigodes toda vez que pensava no potinho de gordura. Só voltou para casa ao anoitecer. “Ora, aí está você de volta”, disse o rato. “Deve ter

passado um dia divertido." "Não foi ruim", respondeu o gato. "E que nome deram à criança?", perguntou o rato. "Tira-Película", disse o gato, muito seco. "Tira-Película!", exclamou o rato. "Mas que nome esquisito e estranho! É comum na sua família?" "E daí?", disse o gato. "Não é pior que Ladrão-de-Migalhas, como se chamam os seus afilhados."

Não muito tempo depois, o gato voltou a sentir vontade. Disse ao rato: "Você precisa me fazer o favor de cuidar da casa sozinho mais uma vez. Fui convidado pela segunda vez para ser padrinho, e como a criança tem um anel branco em volta do pescoço, não posso recusar." O bom rato concordou, mas o gato se esgueirou por trás da muralha da cidade até a igreja e comeu metade da gordura do pote. "Nada tem gosto melhor", disse ele, "do que aquilo que a gente mesmo come." E ficou muito satisfeito com o trabalho daquele dia. Quando voltou para casa, o rato perguntou: "Como foi batizada essa criança?" "Metade-Fora", respondeu o gato. "Metade-Fora! Veja só! Nunca ouvi esse nome em toda a minha vida. Aposto que não está no calendário."

Logo a boca do gato tornou a se encher de água por causa daquela guloseima. "Tudo o que é bom vem em três", disse ele ao rato. "Lá vou eu ser padrinho outra vez. A criança é toda preta, só tem as patas brancas e nem mais um pelo branco no corpo inteiro. Isso só acontece uma vez a cada tantos anos. Você vai me deixar sair, não vai?" "Tira-Película! Metade-Fora!", respondeu o rato. "São nomes tão curiosos, me deixam tão pensativo!" "Você fica aí em casa com seu casaco felpudo cinza-escuro e sua longa trança de cabelo", disse o gato, "e põe essas cismas na cabeça. É isso que acontece quando a gente não sai durante o dia." Enquanto o gato estava fora, o rato arrumou tudo e pôs a casa em ordem; já o gato guloso comeu toda a gordura do pote. "Quando a gente acaba com tudo, fica em paz", disse a si mesmo. E só voltou para casa de noite, saciado e gordo. O rato perguntou logo que nome a terceira criança recebera. "Você provavelmente também não vai gostar deste", disse o gato. "Chama-se

Tudo-Fora.” “Tudo-Fora!”, exclamou o rato. “Esse é o nome mais suspeito de todos! Nunca o vi escrito. Tudo-Fora! O que isso quer dizer?” Balançou a cabeça, enroscou-se e foi dormir.

Dali em diante, ninguém mais quis convidar o gato para ser padrinho. Mas, quando o inverno chegou e já não havia nada para encontrar lá fora, o rato se lembrou da reserva e disse: “Venha, gato, vamos ao nosso pote de gordura que guardamos. Vai ser uma delícia!” “Ah, sim”, respondeu o gato, “vai ser uma delícia, como se você pusesse essa sua língua delicada para fora da janela.” Puseram-se a caminho e, quando chegaram, o pote de gordura ainda estava no mesmo lugar, mas vazio. “Ah!”, disse o rato, “agora percebo o que aconteceu, agora tudo vem à tona. Você é mesmo um belo amigo! Comeu tudo quando foi ser padrinho: primeiro tira a película, depois metade fora, depois...” “Quer ficar calado?”, gritou o gato. “Mais uma palavra, e eu devoro você!” O pobre rato já tinha “tudo fora” na ponta da língua. Mal as palavras saíram, o gato deu um salto em sua direção, agarrou-o e o engoliu. Está vendo? É assim que as coisas são no mundo.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Revisão: Codex · revisão independente por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-gato-e-o-rato-em-sociedade